

Humor e mundo do trabalho: uma análise dos conflitos nas relações de trabalho nas tiras “Ócios do Ofício”

Rozinaldo Antonio **MIANI***

* Graduado em Jornalismo e História. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2000). Doutor em História pela Unesp/Campus Assis (2005). Pós-doutor pela ECA/USP (Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Mestrado em Comunicação da UEL/PR (PPGCom/UEL). rmiani@uel.br

Resumo

A coletânea “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” reúne mais de uma centena de tiras produzidas pelo cartunista Gilmar Barbosa e publicadas, dentre outros jornais e revistas, no jornal paulistano Diário de São Paulo. Cada tira da seção “Ócios do Ofício” retrata de forma crítica e bem-humorada o cotidiano das relações de trabalho, revelando as contradições, as tensões e os conflitos estabelecidos entre patrões e trabalhadores no âmbito das relações capital/trabalho. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar as tiras produzidas por Gilmar na seção “Ócios do Ofício” e que compõem a coletânea “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” lançada no ano de 2002 pela Editora Escala, com o propósito de verificar a representação construída a respeito do trabalhador brasileiro no contexto da relação capital/trabalho. As análises seguirão o modelo de leitura de tiras proposto por Paulo Ramos (2011). Temas como o desemprego, as questões salariais, as condições de trabalho, bem como os reflexos dessas realidades no ambiente familiar foram explorados por meio da sátira e da ironia. Explorando os recursos próprios do humor gráfico, as tiras ainda revelam algumas das artimanhas utilizadas pelo trabalhador para “sobreviver” aos desafios impostos no contexto da relação capital/trabalho.

Palavras-chave: Tira cômica; mundo do trabalho; Ócios do Ofício.

Humor e mundo do trabalho: uma análise dos conflitos nas relações de trabalho nas tiras “Ócios do Ofício”¹

Rozinaldo Antonio Miani

INTRODUÇÃO

A tira “Ócios do Ofício”, produzida pelo chargista Gilmar Barbosa, foi publicada, regularmente, entre os anos finais da década de 1990 e os primeiros anos da década de 2000 na seção sindical do jornal paulistano Diário de São Paulo. As mesmas tiras também foram publicadas em vários outros jornais e revistas – Diadema Jornal, Você S/A, Profissional & Negócios, O Pasquim 21 e, inclusive, no jornal Vida Econômica, de Portugal. Em 2002, a Editora Escala publicou uma coletânea com algumas dessas tiras.

“Ócios do Ofício” é uma tira que trata do cotidiano do mundo do trabalho, principalmente, das tensões e das relações conflituosas estabelecidas entre patrões e trabalhadores. Temas como desemprego, questões salariais, condições de trabalho, artimanhas para lidar com problemas cotidianos, saúde do trabalhador, estresse e violência, bem como alguns impactos ocorridos no ambiente familiar em decorrência dos conflitos no ambiente de trabalho, foram abordados pelo cartunista por meio da sátira e da ironia, características próprias do humor gráfico.

Inspirado por sua experiência como chargista da imprensa sindical – principalmente, atuando como ilustrador do jornal Tribuna Metalúrgica do ABC, publicação oficial do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista – Gilmar foi o primeiro cartunista brasileiro a registrar em histórias diárias na “grande imprensa” o dia a dia do trabalhador brasileiro de maneira crítica e bem-humorada. Inclusive, o título da tira é um trocadilho com a expressão “ossos do ofício” que representa a dureza (“osso duro”) que é trabalhar nas condições impostas pelas relações de trabalho na sociedade brasileira. Nas palavras do próprio autor, “a brincadeira justifica o humor sobre um tema tão sério como o conflito nas relações de trabalho.” (Barbosa, 2004, p. 1).

Apresentamos como problemática para esse estudo a seguinte questão: qual a representação construída a respeito do trabalhador em seus enfrentamentos diários no contexto da relação capital/trabalho no âmbito da sociedade brasileira nas tiras da publicação “Ócios do Ofício”? Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar as tiras produzidas por Gilmar na seção “Ócios do Ofício” – publicadas originalmente no jornal Diário de São Paulo – e que compõem a coletânea “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” lançada no ano de 2002 pela Editora Escala, com o propósito de verificar e analisar a representação construída a respeito do trabalhador brasileiro no contexto da relação capital/trabalho.

A referida coletânea reúne mais de cem tiras cômicas abordando temas gerais do cotidiano das relações de trabalho. As análises seguirão a proposta de leitura de tiras desenvolvida por Paulo Ramos (2011, p. 145) que “parte de uma análise dos aspectos contextuais para, depois, deter-se na explicação verbal dos elementos da cena narrativa presentes em cada um dos quadrinhos”.

¹ Revisado por: Miguel Luiz Contani.

Para aprofundar as questões contextuais que incidem sobre a relação capital/trabalho – particularmente, no período correspondente à virada de século – utilizamos, dentre outros, os estudos e reflexões desenvolvidos por François Chesnais (1996), James Petras (1997), Giovanni Alves (2000, 2001), Ricardo Antunes (2001, 2004); István Mészáros (1997, 2002) e Márcio Pochmann (2000). Para as reflexões sobre o gênero tira, além de Paulo Ramos (2011), contaremos com as contribuições de Maria de Lourdes Vinhal (2019) e Rozinaldo Antonio Miani (2023).

1 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E O PRECÁRIO MUNDO DO TRABALHO

Os conflitos envolvendo patrões e trabalhadores são uma realidade inerente à lógica das relações de trabalho no âmbito da sociedade capitalista. Isso porque, por um lado, os patrões – denominação genérica atribuída aos integrantes de uma das frações da burguesia que é o empresariado – têm como objetivo a exploração da mão de obra para extrair mais-valia do trabalhador – designação referente a cada sujeito que, nas relações de trabalho, se vê obrigado a vender sua força de trabalho por um salário – que, por sua vez, estabelece uma luta individual ou coletivamente para evitar ou minimizar os processos de exploração a que são submetidos.

Na dinâmica do modo de produção capitalista, durante o último meio século o mundo do trabalho foi cenário de inúmeras e expressivas mudanças que impactaram de modo contundente – e, em algumas situações, de modo perverso – a realidade dos trabalhadores. No Brasil, por se tratar de um país que tem ocupado uma posição subordinada na ordem da “mundialização do capital” (Chesnais, 1996), os impactos foram particularmente severos e nefastos.

De modo mais específico, se considerarmos o período da virada do século XX para o século XXI e até os dias atuais iremos constatar que, na sociedade brasileira, esses tempos têm sido marcados por intensas transformações no mundo do trabalho, em razão do processo que ficou conhecido como “reestruturação produtiva” (Alves, 2000; Antunes, 2004), provocando significativas mudanças de ordem objetiva e também subjetiva nas relações capital/trabalho.

Esse período tem sido vulgarmente chamado de “globalização”, pois, de fato, podemos afirmar que estamos vivendo a mais planetária das etapas do capitalismo. Porém, a palavra “globalização” sugere uma univocidade que, na prática, procura ocultar as contradições inerentes ao capitalismo (Miani, 2005). O uso desse termo como caracterizador de uma nova etapa de desenvolvimento da sociedade capitalista torna-se, portanto, essencialmente ideológico, pois pretende se afirmar como a única perspectiva possível para as sociedades atuais, estabelecida pelo “pensamento único”, como bem definido e criticado por Milton Santos (2000). Nesse sentido, concordamos com a perspectiva apresentada por Giovanni Alves em sua afirmação:

Qualquer leitura (ou análise) do fenômeno da globalização que não procure apreender o seu sentido dialético - e portanto, contraditório - tende a ser unilateral, não sendo capaz de ver o fenômeno da globalização tanto como algo progressivo, quanto regressivo, tanto como um processo civilizatório, quanto como um avanço da barbárie, e tanto como a constituição de um “globo” na mesma medida em que tende a contribuir para a sedimentação de particularismos locais e regionais (Alves, 2001, p. 14).

É justamente a partir dessa base argumentativa que revela a inadequação do termo “globalização” que consideramos mais apropriado caracterizar a atual fase de desenvolvimento do sistema capitalista como “mundialização do capital” que tem na esfera financeira o campo “mais avançado” no processo de internacionalização do metabolismo do capital, ou como apregoado por François Chesnais (1996, p. 239), “a esfera financeira representa o posto avançado do movimento de mundialização do capital”. Enfim, trata-se de uma fase do capitalismo que se define pela supremacia do capital financeiro sobre toda a dinâmica econômica mundial, na medida em que a hegemonia do processo de acumulação capitalista se baseia na lógica do capital que gera capital (rentismo) sem, no entanto, produzir riqueza.

Para sedimentar as bases do processo de mundialização do capital fez-se necessário implementar uma nova doutrina política de sustentação ideológica que pudesse ser capaz de combinar os interesses capitalistas mais primitivos de acumulação com as “modernas” configurações da sociedade global; foi então que o neoliberalismo (não sem conflitos e contradições) encontrou o seu espaço de projeção, disseminação e consolidação (Miani, 2005). Chesnais (1996) oferece uma sólida argumentação para afirmar que a ofensiva neoliberal – principalmente, exercida sobre os países periféricos – se tornou um movimento determinante para a consolidação da mundialização do capital:

[...] sem a implementação de políticas de desregulamentação, de privatização e de liberalização do comércio, o capital financeiro internacional e os grandes grupos multinacionais não teriam podido destruir tão depressa e tão radicalmente os entraves e freios à liberdade deles de se expandirem à vontade e de explorarem os recursos econômicos, humanos e naturais, onde lhes for conveniente (Chesnais, 1996, p. 34).

Num esforço de compreender os impactos da aplicação da “doutrina neoliberal” na realidade latino-americana nas últimas décadas do século XX, bem como explicitar suas contradições enquanto uma doutrina política, James Petras (1997), apesar de considerá-lo tão somente como “uma forma histórica de capitalismo”, apresenta uma crítica bastante radicalizada sobre o neoliberalismo. A esse respeito, afirma o autor:

O neoliberalismo deve ser entendido como uma ideologia para justificar e promover a reconcentração de riquezas, a reorientação do Estado em favor dos super-ricos e o principal mecanismo para transferir riquezas para o capital estrangeiro. [...] O neoliberalismo como doutrina de luta de classe desde cima tem uma profunda implicação política, econômica, social e cultural para a classe trabalhadora urbana e rural, em todas as esferas da vida humana: ele afeta adversamente o mundo do trabalho e a legislação social e trabalhista; ele afeta o desenvolvimento da indústria e da produção; ele define uma política exterior subserviente ao capital estrangeiro; ele solapa as bases da educação e da saúde pública; ele promove o *agribusiness* contra a reforma agrária. Em última análise, os seus principais beneficiários fazem parte, muitas vezes, da oligarquia financeira e bancária (Petras, 1997, p. 37-38).

A implantação do neoliberalismo na América Latina foi impulsionada a partir do “Consenso de Washington”, que foi o resultado de uma reunião ocorrida na capital dos Estados Unidos em novembro de 1989, patrocinada pelo Institute for International Economics e que contou com a participação de representantes do governo estadunidense e dos organismos internacionais com sede nos EUA (FMI, Banco Mundial e BID), destinada a promover o encontro de economistas latino-americanos e de representantes de governos da região para relatarem experiências desenvolvidas em seus países, com vistas a discutir e avaliar as reformas econômicas até então empreendidas na América Latina. Desde então, as resoluções do “Consenso de Washington” foram tomadas como um “receituário neoliberal específico” para os países da América Latina.

Todo esse contexto de consolidação do processo de mundialização do capital e de implantação do neoliberalismo como doutrina política hegemônica na ordem capitalista foi acompanhada de uma mudança substantiva no mundo do trabalho, que foi estruturalmente afetado por uma série de mutações nas formas de organização da produção e que foi definido como “complexo de reestruturação produtiva”. Tais mudanças fizeram parte de uma ofensiva do capital no sentido de renovar as condições históricas de acumulação capitalista, que exigiram uma adaptação nas relações entre o capital e o trabalho. As circunstâncias e os resultados dessa adaptação, com consequências objetivas e subjetivas para a classe trabalhadora, também estão na base desse fenômeno, que se consolidou em âmbito mundial durante a década de 1980 (Miani, 2005).

A reestruturação produtiva, entendida como a ofensiva do capital na produção e, portanto, vinculada de modo intrínseco à mundialização do capital, envolveu um conjunto de mudanças no sistema produtivo² que implicou uma reconfiguração da forma como se produzem os bens e serviços na economia mundial. Isso acarretou mudanças no comportamento empresarial, no padrão tecnológico, nas formas de gestão, nas dinâmicas de contratação e de remuneração da força de trabalho, bem como promoveu alterações significativas no processo de trabalho verificadas na forma como os trabalhadores se relacionam entre si, com a administração da empresa e com as próprias máquinas.

Todas as mudanças promovidas pelo complexo de reestruturação produtiva foram marcadas por um novo padrão de acumulação capitalista, constituindo uma nova racionalidade do capital em sua etapa de mundialização. Esse novo padrão foi substancialmente marcado por uma “flexibilização” no processo de organização social da produção e também nas relações capital/trabalho. E é no âmbito da força de trabalho que essa flexibilidade assumiu maior evidência, constituindo-se, assim, no “momento predominante” do complexo de reestruturação produtiva. A esse respeito, Alves assevera:

É a flexibilidade da força de trabalho que expressa a necessidade imperiosa de o capital subsumir – ou ainda, submeter e subordinar – o trabalho assalariado à lógica da valorização, pela perpétua sublevação da produção (e reprodução) de mercadorias (até, e principalmente, da força de trabalho). É por isso que a acumulação flexível se apóia, sobretudo, na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho (e, ainda, dos produtos e padrões de consumo). É a flexibilidade do trabalho, compreendida como a plena capacidade de o capital tornar domável, complacente e submissa a força de trabalho, que irá caracterizar, como veremos, o ‘momento predominante’ do complexo de reestruturação produtiva (Alves, 2000, p. 25).

No Brasil, a aplicação de novas formas de organização da produção e do trabalho veio combinada com o processo de mudanças ocorrido na economia e na política brasileiras, implantadas no início da década de 1990, a partir do governo Collor (1990-1992) e de sua política neoliberal, e que foi se intensificando ao longo de toda a década de 1990 e início do século XXI, principalmente, com a ofensiva neoliberal patrocinada pelo governo FHC (1995-2002) (Miani, 2005). Ricardo Antunes (2004) apresenta uma boa síntese a esse respeito, destacando a retração dos níveis de emprego e a intensificação da introdução de novas tecnologias como desdobramentos perversos para os trabalhadores:

Portanto, a partir dos anos de 1990, com a intensificação do processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil, sob a condução política em conformidade com o ideário e a pragmática definidas no Consenso de Washington e aqui seguidas pelos governos Collor e FHC, presenciamos várias transformações, configurando uma realidade que comporta tanto elementos de descontinuidade quanto de continuidade em relação às fases anteriores. O que permite supor que, no estágio atual do capitalismo brasileiro, combinam-se processos de enorme enxugamento da força de trabalho, acrescido às mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização social do trabalho (Antunes, 2004, p. 24-25).

Além da permanente introdução de novas tecnologias, a nova conformação do processo de produção derivado do complexo de reestruturação produtiva consiste em estabelecer um rígido controle de qualidade em todo o sistema produtivo, além de promover uma centralização da empresa na atividade fim (produto final), com incentivo às práticas da terceirização nas demais atividades do processo produtivo. Quanto à organização da gestão do trabalho, as empresas

² Considerando a lógica do capitalismo, as respostas mais adequadas às situações da instabilidade produtiva no momento da crise capitalista da segunda metade do século XX foram apresentadas pela empresa japonesa Toyota. Para além da introdução de novas tecnologias de automação, foram privilegiadas a adoção de técnicas e inovações no plano da organização do trabalho. O conjunto dessas ações ficou conhecido como “toyotismo” ou “ohnoísmo” (referência ao engenheiro japonês Taiishi Ohno) (Miani, 2005).

passaram a incentivar um maior envolvimento e participação dos trabalhadores na busca por soluções aos problemas verificados na produção, por meio dos Círculos de Controle de Qualidade (CCQ's)³, promovendo alterações na estrutura hierárquica, com a eliminação de funções de chefia para permitir uma maior agilidade na tomada de decisões, e também passaram a estimular a conformação de um trabalhador polivalente (não necessariamente qualificado), com espírito cooperativo e subjetivamente integrado e submisso aos interesses das empresas e dos patrões, a partir da manipulação e da captura da subjetividade do trabalhador pela lógica do capital (Miani, 2005).

Na realidade concreta dos trabalhadores, a ofensiva do capital na produção foi perversa, resultando em inúmeras consequências desastrosas, principalmente, o desemprego estrutural crônico (Mészáros, 1997, 2002), a ultraprecarização de empregos e salários e a violação ou eliminação de conquistas históricas dos trabalhadores obtidas a partir de suas lutas sindicais (Pochmann, 2000). A respeito do desemprego estrutural crônico, talvez o efeito mais nocivo dentre todas as consequências do processo de mundialização do capital, István Mészáros (1997, p. 152) afirma:

O desemprego estrutural crônico constitui um fenômeno histórico inédito e característico da atual fase do sistema do capital. O sistema de controle do metabolismo social atingiu um estágio em que lhe é necessário expulsar centenas de milhões de indivíduos do processo de reprodução social (do próprio processo de trabalho). Um sistema de reprodução não pode se autocondenar mais enfaticamente do que quando atinge o ponto em que as pessoas se tornam supérfluas ao seu modo de funcionamento. Esta não é uma projeção para o futuro, mesmo que nos referíssemos apenas aos países capitalistas mais avançados. Ela é a gritante realidade mundial e o rumo, negativo e do qual não se escapa, do avanço do capitalismo.

Como já sinalizado anteriormente, o avanço do desemprego estrutural crônico – fundamentalmente, no setor produtivo – é decorrente do impacto da introdução das novas tecnologias, primeiro como mero movimento de automação e, posteriormente, como robotização, isso sem contar os eventuais desdobramentos atuais da evolução da inteligência artificial.

Todas essas considerações reflexivas apresentadas correspondem a uma compreensão genérica do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo mundial, em ascensão desde o último quartel do século XX, e que refletem, em maior ou menor grau a depender da região ou do país em análise, a realidade concreta dos tempos atuais. O metabolismo do capital se adapta (impositivamente) às diferentes realidades específicas e, como já demonstrou, é capaz de enfrentar suas próprias crises e de superá-las, se “renovando” em suas formas de dominação para garantir a perpetuação do processo de acumulação capitalista.

Por outro lado, não podemos negligenciar o fato de que todo esse movimento histórico de consolidação do processo de mundialização do capital e de implementação da doutrina neoliberal foi atravessado por muita resistência por parte das classes trabalhadoras. As lutas sociais foram determinantes no enfrentamento das mazelas produzidas pelo sistema sociometabólico do capital; de modo particular, no contexto das relações capital/trabalho, as lutas sindicais foram fundamentais para evitar que os processos de exploração atingissem níveis ainda mais intensos, violentos e desumanos.

Considerando que nosso propósito em apresentar essas reflexões visa oferecer elementos histórico-contextuais que irão subsidiar nossa análise das tiras produzidas por Gilmar Barbosa, vale ressaltar que a produção iconográfica a ser analisada é datada, justamente, do final da década de 1990 e início da década 2000, período mais intenso da ofensiva neoliberal no Brasil e de consolidação do complexo de reestruturação produtiva no âmbito da organização da produção e do trabalho no setor produtivo brasileiro.

³ Desse contexto derivou a “estratégia ideológica empresarial” de passar a se referir ao trabalhador como “colaborador” e, com isso, intensificar a subsunção da subjetividade do trabalhador aos interesses do capital, na medida em que o trabalhador passa a acreditar que seu papel na empresa é de colaboração quando, na verdade, ele continua submetido às mais drásticas condições de exploração.

Também vale destacar que Gilmar Barbosa foi chargista da imprensa sindical, trabalhando no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista entre os anos de 1990 e 1996, e que foi, justamente, sua atividade como ilustrador do jornal *Tribuna Metalúrgica* do ABC que lhe deu a inspiração para a produção das tiras da seção “Ócios do Ofício”, conforme afirmou o próprio chargista: “Foi onde achei meu caminho e tiro inspiração para o trabalho que faço até hoje. Foi o Sindicato que desencadeou toda a minha carreira” (Barbosa, 2004, p. 1). Inclusive, as tiras foram publicadas na seção sindical do jornal paulistano *Diário de São Paulo* e, nesse sentido, se dirigiam, predominantemente, ao leitor trabalhador.

2 UMA RETRATAÇÃO CRÍTICA E BEM-HUMORADA DO MUNDO DO TRABALHO

Como chargista da imprensa sindical por mais de uma década, Gilmar Barbosa acumulou conhecimento de modo bastante satisfatório sobre o universo cotidiano dos trabalhadores, seus desafios, seus conflitos, seus dramas, suas lutas. Sua produção destinada à imprensa sindical era, fundamentalmente, a charge, concebida como uma modalidade do humor gráfico (Miani, 2023). Neste contexto, suas produções atendiam, invariavelmente, os objetivos políticos do sindicato, oferecendo uma estratégia comunicativa de natureza iconográfica para denunciar, com ludicidade e humor, os impasses e conflitos na relação capital/trabalho, ou ainda, para expressar as posições político-ideológicas da respectiva diretoria sindical nas temáticas relacionadas ao mundo do trabalho ou da conjuntura sociopolítica nacional e internacional.

Por outro lado, Gilmar Barbosa impulsionou sua carreira de ilustrador produzindo para várias outras organizações e, principalmente, desenvolvendo uma trajetória autoral com destaque para a produção de cartuns e de tiras cômicas. Nesse contexto, Gilmar foi premiado nos principais salões de humor do país, dentre eles, Salão Internacional de Humor de Piracicaba, Salão Carioca de Humor e Salão Nacional de Humor de Ribeirão Preto, além de ter sido eleito o “Melhor cartunista brasileiro do ano” pelo Troféu HQ Mix (2003). Gilmar ainda recebeu o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos na categoria “Artes” (2006) e teve sua caricatura “Charlie Hebdo” classificada em terceiro lugar no Prêmio Festival de Cartum (2015). Dentre seus trabalhos autorais, destacamos: *Para Ler Quando o Chefe Não Estiver Olhando* (Devir, 2004); *Pau Pra Toda Obra* (Devir, 2005), *Caroço no Angu* (Devir, 2009), *Mistifório* (Boitatá, 2014) e, obviamente, “*Cartuns & Humor: Ócios do Ofício*” (Barbosa, 2002), objeto de nossa análise (Gilmar, 2017, p. 1).

Em relação à tira “Ócios do Ofício”, Gilmar Barbosa fez publicações regulares no jornal *Diário de São Paulo* entre os anos finais da década de 1990 e os primeiros anos da década de 2000. Das várias centenas de tiras produzidas, foram selecionadas cerca de 120 para compor a coletânea “*Cartuns & Humor: Ócios do Ofício*”. Nesse sentido, é preciso demarcar que a natureza do nosso objeto de estudo é uma produção cartunística, em formato de tira cômica, e que tem como contexto de produção a publicação como coletânea (Miani, 2023). Portanto, a análise não abordará os elementos intertextuais relativos ao momento original de sua publicação, mas tão somente, as intertextualidades inerentes à condição de tiras publicadas em uma coletânea, conforme explicado por Rozinaldo Antonio Miani (2023, p. 105) ao tratar de charges, mas que vale integralmente para a especificidade das tiras em questão:

Por mais que uma determinada charge tenha sido publicada originalmente em um jornal ou revista específicos, [...] as relações intertextuais a serem necessariamente consideradas na análise devem partir de sua condição de charge “selecionada” e “reunida” em uma produção editorial autônoma, que tem a sua historicidade e as suas intencionalidades próprias.

“Ócios do Ofício” são tiras que cumprem, predominantemente, o propósito discursivo-narrativo do cartum. Trata-se de histórias ambientadas ou que fazem referência a situações ou temáticas relativas ao mundo do trabalho, explorando de modo preferencial a

perspectiva do trabalhador ou explicitando as intencionalidades dos padrões em relação aos seus interesses em detrimento aos direitos dos trabalhadores. Para tanto, são utilizados personagens genéricos, explorando elementos estereotipados que, em várias situações acabam se repetindo, mas que não configuram personagens fixos, à exceção do cachorro Rex que, apesar de aparecer geralmente como coadjuvante, tem presença recorrente nas histórias.

De modo geral, podemos definir “Ócios do Ofício” como uma tira cômica por atender às duas principais características da referida modalidade do humor gráfico, conforme apresentadas por Paulo Ramos (2011), quais sejam, o formato, por se tratar de uma história construída pela sequência de alguns poucos quadrinhos, e o fato de se constituir como uma “narrativa de humor com desfecho inesperado” (Ramos, 2011, p. 97). Originalmente, a tira “Ócios do Ofício” aparecia na página do jornal em sequência horizontal, conforme destacado por Ramos (2011) como característico da tira cômica; porém, para se adaptar à estrutura de uma coletânea, os quadrinhos de cada tira aparecem na obra “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” distribuídos numa página específica da publicação de acordo com a melhor organização da história e, ainda, para dinamizar a diagramação e facilitar a leitura. Ainda sobre o reconhecimento de “Ócios do Ofício” como tira cômica, vale destacar a caracterização apresentada por Maria de Lourdes Vinhal (2019, p. 41):

A tira é um texto midiático que ganhou vida própria em revistas autônomas, consolidou-se nas páginas dos jornais, provocando reflexões tanto sobre trivialidades, quanto sobre questões sérias do mundo, com seus personagens que nos imitam, trazendo entretenimento, questionamento, denúncia e mesmo autocrítica, nas páginas de revistas, jornais ou na *Web*, por meio de redes sociais, sites, *blogs* e outros.

Para proceder às análises das tiras publicadas na coletânea “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” serão considerados como principal referência os procedimentos metodológicos apresentados por Ramos (2011), com algumas ponderações em razão das limitações estabelecidas para a produção deste artigo. Para o referido autor, a leitura de tiras exige, previamente, que se explicita a contextualização histórica do respectivo texto a ser analisado, bem como proceder à identificação de qual é a “dominante do texto”. Na sequência, para concluir o processo de construção de sentido deve-se realizar uma explicação analítica dos elementos verbais e não-verbais contidos na cena narrativa considerando os elementos de “articulação dos signos dentro dos quadrinhos e entre um quadrinho e outro” (Ramos, 2011, p. 145).

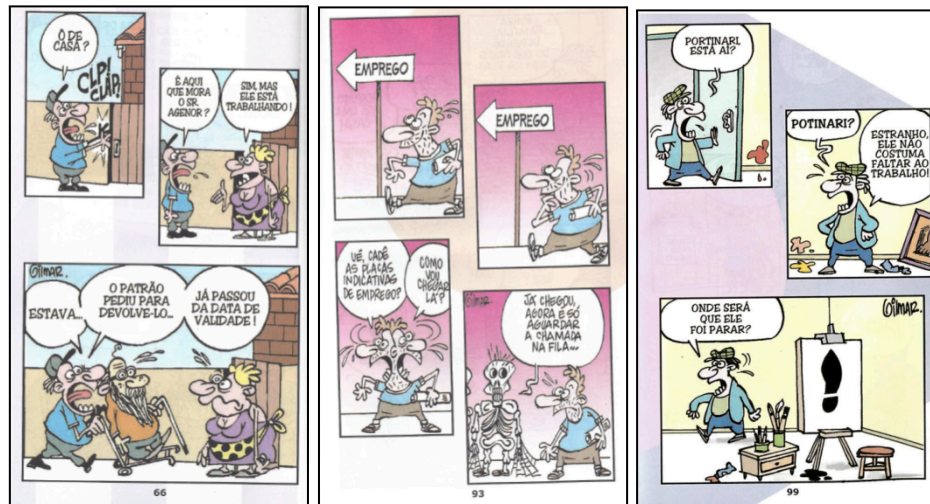
Em relação à contextualização histórica, todas as tiras selecionadas para análise devem considerar os elementos da conjuntura sociopolítica, econômica e cultural já desenvolvidos anteriormente, em que apresentamos a correspondente configuração do mundo do trabalho que foi retratada na produção das tiras de Gilmar, bem como o fato de serem tiras de um único artista selecionadas para compor uma coletânea, portanto, cumprindo uma função, predominantemente, de “fonte histórica” (Miani, 2023).

Para caracterizar a “determinante do texto”, iremos considerar as temáticas específicas a que se refere cada uma das tiras, reconhecendo que, contextualmente, dizem respeito às consequências do processo de “reestruturação produtiva” que intensificou a ultraprecarização do mundo do trabalho; portanto, teremos tiras relacionadas ao tema do desemprego, do impacto das novas tecnologias no ambiente de trabalho e da saúde do trabalhador.

Considerando as etapas do método de leitura de tiras proposto por Ramos (2011), vamos nos abster de realizar a descrição dos elementos visuais e verbais apreendidos de cada tira, no nível de detalhamento que é sugerido pelo autor, apenas por uma questão de otimização do espaço disponível para a produção deste artigo, mas reconhecemos que se trata de uma etapa pertinente na lógica do método proposto.

O primeiro conjunto de tiras a ser analisado apresenta a temática do desemprego como a “dominante do texto”, seja como resultado de demissão arbitrária cometida pelo patrão ou explorando a perversa situação de quem está em busca de um emprego.

Figura 1 - Sequência de tiras sobre o desemprego



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p. 66, 93, 99).

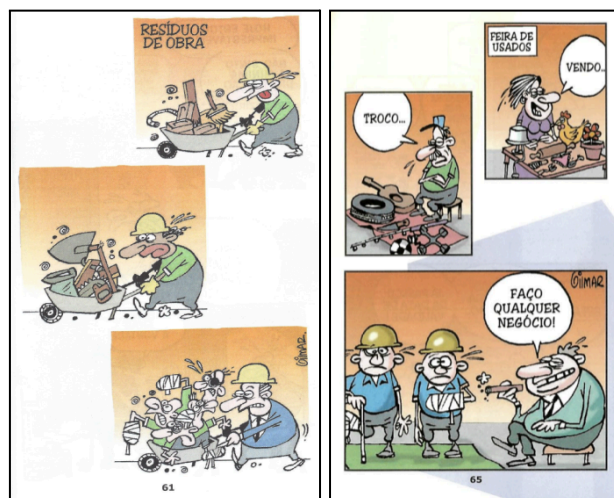
Na primeira tira, a cena começa com uma pessoa batendo à porta de uma casa para, logo em seguida, ser recebida por uma mulher que, ao ser perguntada se era ali que morava o sr. Agenor, respondeu dizendo que ele estaria trabalhando. O desfecho inesperado ocorre quando aquela pessoa se revela um entregador que chega empurrando o sr. Agenor em um carrinho de carga manual e informa que ele estava sendo devolvido pelo patrão por ter passado da “data de validade”. Na tira seguinte, vemos uma sequência de dois quadros com imagens bem parecidas de uma pessoa caminhando orientada por uma placa indicando “emprego”, o que indica se tratar de um trabalhador desempregado; no terceiro quadro, essa pessoa se mostra “desorientada” por não mais visualizar a referida placa de emprego. O desfecho inesperado é retratado pela imagem do trabalhador espantado por ver o esqueleto de uma pessoa informando que ele havia chegado onde pretendia, mas que deveria “aguardar a chamada na fila”. Por fim, na última tira desta sequência, a história começa com a chegada de uma pessoa chamando por alguém conhecido (Portinari) e, na sequência, reforçando o chamado e se mostrando estranhado pela sua ausência por saber que ele não costumava faltar ao trabalho, este relacionado à atividade artística. Neste caso, a estratégia utilizada para o desfecho da história foi mostrar um símbolo que é muito peculiar no universo do cotidiano dos trabalhadores, ou seja, o solado de um pé em referência à expressão vulgarmente conhecida como “pé na bunda”; o referido símbolo se refere a “uma das representações iconográficas mais comuns para indicar a presença do desemprego no cotidiano” dos trabalhadores (Miani, 2005, p. 320).

A perversidade do desemprego é retratada nestas tiras ora por explicitar a arbitrariedade cometida por inúmeros patrões que, simplesmente, dispensam os trabalhadores por razões as mais espúrias possíveis, como no caso da primeira tira que mostra um trabalhador que foi demitido por sua idade avançada, ora por mostrar a dramática situação de quem procura emprego que, por

vezes, permanece meses ou até mesmo anos em busca de alguma vaga de trabalho que seja, ao menos, compatível com suas respectivas qualificações ou experiência e também que seja digna em termos de atender suas reais necessidades.

Despejar o trabalhador no desemprego é apenas um dos desdobramentos dos conflitos nas relações capital/trabalho. O fato é que o tratamento dispensado por determinados patrões diante dos níveis de exploração impostos chega a ser absolutamente desumano, levando tais patrões a promover um “descarte” dos trabalhadores após sugar ao máximo sua capacidade de trabalho, conforme retratado na sequência de tiras a seguir.

Figura 2 - Sequência de tiras sobre o “descarte” de trabalhadores



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p. 61, 65).

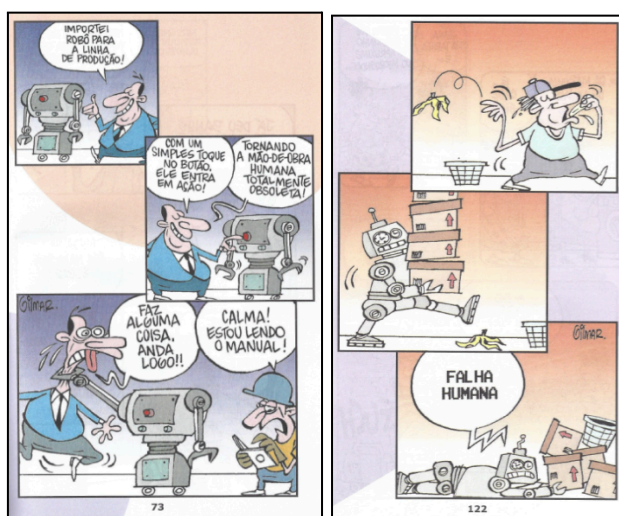
Na primeira tira desta sequência, vemos um trabalhador da construção civil empunhando um carrinho de mão carregado com resíduos de obra, imagem repetida no segundo quadro em que outro trabalhador realiza o mesmo tipo de ação. Por fim, no último quadro, a cena se repete, porém, desta vez, o resíduo a ser descartado são pessoas com aparência de “destruídas e em cacos”, machucadas e acidentadas, supostamente, como resultado da superexploração sofrida, e quem empurra o carrinho de mão tem a aparência de um patrão, a observar pela vestimenta e, principalmente, por estar usando gravata. Na tira seguinte temos a retratação de cenas relacionadas à famosa prática de “feira de usados” onde pessoas oferecem seus produtos para venda ou para troca; é justamente isso que vemos nos dois primeiros quadros. No quadro final, porém, o inesperado é que o “negócio” oferecido são trabalhadores acidentados e o seu vendedor, o patrão, anuncia que faz “qualquer negócio”.

Essas tiras representam mais do que o desrespeito humano praticado por determinados patrões contra os trabalhadores; elas explicitam o sentido de mercadoria descartável imputado aos trabalhadores que, por diversas razões, já não interessam mais aos patrões, oferecendo ao seu leitor, de modo lúdico e humorístico, uma oportunidade de refletir sobre as mazelas do capitalismo.

No contexto da reestruturação produtiva, uma das mais significativas mudanças nas formas de produção verificadas a partir do final do século XX foi a introdução e a difusão das novas tecnologias de base microeletrônica e, mais recentemente, a robotização. Neste sentido, “a utilização de máquinas e equipamentos automatizados e controlados por computador, incluindo aí os robôs, representou uma transferência da capacidade de trabalho do homem para a máquina”

(Miani, 2005, p. 361). Essa situação também foi retratada por Gilmar em algumas de suas tiras.

Figura 3 - Sequência de tiras sobre a introdução de novas tecnologias



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p.73, 122).

A problemática das novas tecnologias está retratada na primeira tira dessa sequência, em especial, no discurso verbal; no primeiro quadro, vemos um patrão comentando que havia importado um robô e, dando continuidade ao seu raciocínio no segundo quadro, afirma que além de ser de uso simples ainda tornaria a “mão-de-obra humana totalmente obsoleta”. O desfecho inusitado é que, ao ser acionado, o robô segurou o patrão pelo pescoço insinuando que iria descartá-lo como algo “obsoleto”. Na tira seguinte, vemos um trabalhador comendo banana e jogando a casca fora de modo displicente; no quadro seguinte, um robô se movimenta segurando uma pilha de caixas e não observa que a casca de banana está jogada ao chão. No quadro final, o robô aparece caído, evidentemente, tendo escorregado na casca de banana, e anuncia que se tratava de “falha humana”.

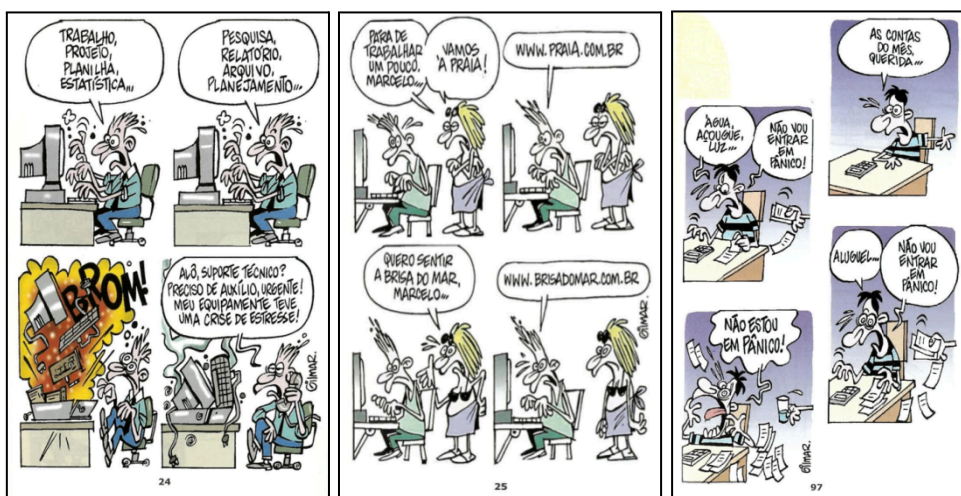
A descartabilidade do ser humano diante da introdução de robôs, em especial no contexto das relações sociais de produção, representa uma contradição em relação à importância do desenvolvimento das forças produtivas a serviço do interesse social; esse é um aspecto típico do sistema sociometabólico do capital que, inclusive, atribui ao próprio ser humano a ocorrência de eventuais falhas ou problemas decorrentes da utilização dessas máquinas.

Vale destacar que, na primeira tira da sequência, Gilmar Barbosa coloca em xeque a ideia de que apenas os trabalhadores serão afetados – ou seja, considerados “obsoletos” – com a introdução de robôs (e, podemos incluir aqui também a inteligência artificial). A lógica destrutiva do capital não isenta nem mesmo aqueles que se colocam como seus defensores podendo, nesse

sentido, se reverter contra qualquer um e qualquer coisa que se apresente como um empecilho ao seu avanço desenfreado em busca da intensificação dos processos de acumulação capitalista.

Todas as implicações resultantes dos conflitos na relação capital/trabalho se manifestam, de alguma forma, na vida cotidiana dos trabalhadores. Dentre as mais graves, destacamos os impactos produzidos na saúde física e psicológica do sujeito trabalhador e também na dinâmica da sua vida familiar; essa é a “dominante do texto” nas tiras a serem analisadas na próxima sequência.

Figura 4 - Sequência de tiras sobre o impacto na saúde do trabalhador



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p. 24-25, 97).

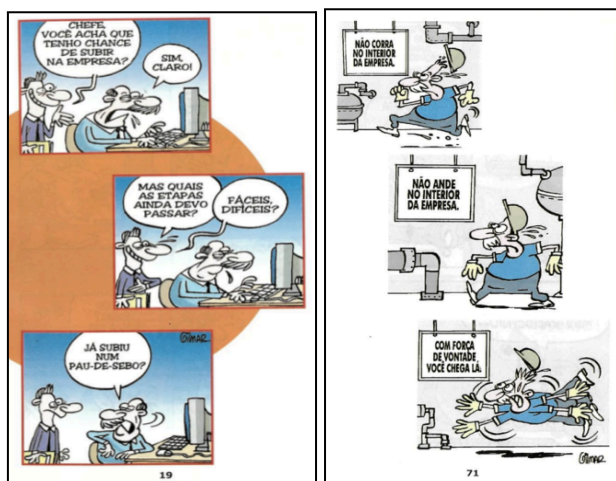
A primeira tira desta sequência mostra, em seus dois primeiros quadros, um trabalhador em completo estado de agitação, em sua mesa de trabalho, relatando em voz alta suas demandas a cumprir; aparentemente, ele demonstra aflição diante de tanto trabalho e o realiza com muita velocidade, a constatar pela representação duplicada de suas mãos em movimento. No terceiro quadro ocorre uma explosão em seu computador que poderia representar um motivo de absoluto desespero; porém, o desfecho inusitado se dá quando o trabalhador faz um telefonema ao suporte técnico informando que o computador (e não ele, trabalhador) teve uma “crise de estresse”. Na tira seguinte, aparentemente o mesmo trabalhador também é retratado em situação de trabalho, só que dessa vez no ambiente familiar; enquanto ele trabalha, uma mulher em trajes de banho tenta convencê-lo a deixar o trabalho e acompanhá-la à praia. Nesta tira, o desfecho cômico ocorre em duas etapas, ao final de cada tentativa de removê-lo do trabalho; ao identificar os dois termos centrais da fala da mulher, o trabalhador associa à necessidade de localizá-los como sites da internet (www.praia.com.br e www.brisadomar.com.br) dando a entender que ele estava, alienadamente, fazendo algum trabalho com pesquisa na internet.

Nestas duas tiras, o aparente estado de agitação, de tensão e de estresse do trabalhador foi a forma cômica que Gilmar utilizou para explicitar a “irracionalidade” que tem tomado conta do ambiente ou das demandas de trabalho, provocando estresse, depressão e outros acometimentos contra a saúde geral do trabalhador, tanto de ordem física como mental e psíquica, principalmente, em razão dos elevados níveis de exploração e de pressão sofridos no cotidiano do trabalho.

Os agravamentos dessa exploração repercutem de maneira violenta na realidade familiar, pois os baixos salários e o alto custo de vida impactam na sanidade psicológica de um trabalhador que, ao se ver impossibilitado de efetuar o pagamento de todas as suas dívidas, invariavelmente, tende a entrar em pânico provocando ainda mais afetações em sua saúde mental. Essa é a temática “dominante do texto” evidenciada na última tira da sequência da figura 4, onde vemos um trabalhador realizando o levantamento de suas contas do mês e, ao ir percebendo sua dramática realidade, tenta se convencer de que não deve entrar em pânico, mas que, no quadro final, aparece contraditoriamente em situação de pânico enquanto verbaliza que não está em pânico; inclusive, esse quadro que traz um paradoxo entre os elementos verbais e visuais que conferem o desfecho inusitado para a referida tira.

As novas formas de gestão da produção, como desdobramento da implementação do complexo de reestruturação produtiva, foram produzindo condições objetivas de tomada da subjetividade do trabalhador para os interesses do capital por meio de discursos fundamentados nos ideários de cooperação e de colaboração. Isso repercutiu em ações dos trabalhadores no sentido de se colocar, cada vez mais, à disposição dos interesses patronais. Nesse sentido, a subsunção da subjetividade do trabalhador ao sistema sociometabólico do capital é “a dominante do texto” nas duas tiras apresentadas na sequência a seguir.

Figura 5 - Sequência de tiras sobre a subsunção da subjetividade do trabalhador ao capital



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p. 19, 71).

Na primeira tira desta sequência vemos um trabalhador questionando seu chefe sobre as eventuais chances que teria de “subir na empresa”; ao que tem como devolutiva uma resposta positiva; no segundo quadro, o trabalhador insiste em saber quais seriam as etapas que ainda teria que passar e se elas seriam fáceis ou difíceis. No desfecho da tira, o chefe se volta para o trabalhador e oferece como resposta a pergunta: “já subiu num pau-de-sebo?”. Obviamente, isso é contraditório com a resposta inicial e produz um efeito cômico, na medida em que enfrentar a subida em um pau-de-sebo, que é uma das atrações mais desafiadoras de festas folclóricas ou de gincanas, geralmente resulta em frustração ou desastre; com isso, o sentido é de que o trabalhador não teria quase nenhuma chance em seus propósitos. Por sua vez, na segunda tira vemos, nos dois primeiros quadros, uma sequência em que um trabalhador se vê “controlado” pelas indicações espalhadas pela empresa indicando como ele deve se comportar “no interior da empresa”. No quadro final, contudo, rompendo a expectativa criada anteriormente, a mensagem muda de foco e diz respeito ao nível de comprometimento que o trabalhador deve ter para poder obter seus propósitos, ou seja, para tanto, demanda demonstrar “força de vontade”. Neste sentido, Miani (2005, p. 100) destaca:

O aliciamento pela sensação de autonomia, que externamente lhe cria uma valorização da auto-estima, se torna, ao mesmo tempo, o algôz de sua própria subjetividade: a alma do trabalhador se expõe como alvo de uma disputa por parte do capital no mesmo movimento que este realiza para estabelecer o aumento do controle sobre o trabalho.

Apesar de apontarmos a problemática da manipulação e da captura da subjetividade do trabalhador pela lógica do capital como temática das tiras da sequência anterior, apresentando trabalhadores apassivados ou obedientes, é preciso considerar que as condições de produção das tiras indicam que o discurso atravessado pela narrativa é muito mais pertinente como uma denúncia de tal situação do que como mero exercício de entretenimento.

Por fim, como última sequência de tiras a ser apresentada, foram selecionadas três histórias que apresentam como “dominante do texto” alguma representação que explicita uma atitude contestadora do trabalhador em relação à situação enfrentada.

Figura 6 - Sequência de tiras sobre atitudes contestadoras dos trabalhadores



Fonte: Gilmar Barbosa (2002, p. 18, 91, 90).

Na primeira tira desta sequência temos um trabalhador que aparenta estar angustiado, que revela a uma colega de trabalho que estava estressado e que recebe como comentário que ele deveria fazer algo para se sentir melhor; o diálogo segue no quadro seguinte com o trabalhador querendo entender melhor se o seu entendimento estava correto, ao que recebeu sinalização positiva. O desfecho da tira mostra uma atitude inusitada do trabalhador destruindo o computador da colega, agradecendo-a pela sugestão, e passando a apresentar uma expressão facial de alívio e satisfação. Na tira seguinte, temos uma sequência de três quadros⁴ mostrando um trabalhador carregando tábuas, pregando-as e, por fim, serrando uma delas sempre movido por uma voz de comando dizendo “faça isso!”. O desfecho inusitado apresentado no último quadro mostra o trabalhador com ar de indignação, segurando o serrote em posição de uso e, com a outra mão, segurando o dedo em riste que lhe apontava o tempo todo enquanto lhe dava as ordens; a impressão imediata que deriva da imagem é que aquele trabalhador pretendia serrar aquele dedo em reação à saturação sofrida diante das ordens recebidas, mesmo sob a ameaça de outra ordem, desta feita, “não faça isso!”.

⁴ A tira original, obviamente, apresentou os quadros em sequência padrão para a leitura, ou seja, da esquerda para a direita; porém, como a tira foi adequada ao formato da coletânea, nesse caso, a leitura deve ser feita a partir do quadro em posição mais alta na página, seguindo uma sequência na seguinte ordem: direita, esquerda, direita e esquerda.

Por fim, a última tira selecionada oferece uma das características mais instigantes das diversas modalidades do humor gráfico – em especial, aquelas de natureza dissertativa como o cartum, a charge e a tira chárstica – que é a sua ambivalência. A tira mostra um ambiente de descontração no trabalho, no momento do cafezinho, e começa com o comentário de um trabalhador ao seu colega afirmando que o sucesso profissional depende daquilo que a pessoa pensa logo que acorda; a lógica daquele raciocínio segue no segundo quadro, afirmando que se tratava de um “excelente momento para refletir e tomar as decisões mais importantes”. O desfecho inusitado se estabelece quando, no último quadro, aparece aquele colega de trabalho em sua casa, na cama, supostamente no momento em que acordava, pensando sobre uma decisão a tomar em relação a uma mosca no teto, ou seja, se deveria ou não matá-la.

A ambivalência nessa tira se estabelece na medida em que a cena do último quadro poderia ser uma espécie de *flashback* referente ao que aquele trabalhador pensou naquele dia ou num dia anterior, o que o levaria a ficar angustiado e reflexivo diante da argumentação do seu colega. Por outro lado, é possível considerar que aquela cena do terceiro quadro poderia ter acontecido depois daquele momento de conversa e, com isso, o que ficaria para o leitor é uma atitude de desprezo àquele tipo de pensamento manifestado pelo colega, demonstrando resistência em relação à tentativa de ser cooptado pelos interesses corporativos da empresa em que trabalha.

Enfim, há uma potencialidade inimaginável em uma modesta coletânea de tiras – o que dizer então da totalidade das tiras publicadas na seção original de “Ócios do Ofício” – quando esta se apresenta como objeto de estudo para desvelar ou compreender os complexos processos que envolvem os conflitos na relação capital/trabalho no âmbito de uma sociedade marcada pela lógica dos processos e dos valores capitalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura e análise das tiras publicadas na coletânea “Cartuns & Humor: Ócios do Ofício” foi possível verificar que a obra explora os múltiplos conflitos existentes nas relações capital/trabalho expressando as contradições e as tensões nas relações entre trabalhadores e patrões, com ênfase nas dificuldades enfrentadas pelo trabalhador diante do desemprego e/ou demais situações derivadas da precariedade de sua condição de trabalho e de existência. As tiras também tematizaram os impactos na saúde do trabalhador e seus desdobramentos no ambiente familiar, bem como retrataram algumas das soluções e artimanhas encontradas pelo trabalhador para encarar os desafios cotidianos e para resistir à sua condição de explorado. Tudo isso foi permeado pela sátira e pela ironia, explorando a comicidade e o humor como elementos constitutivos das modalidades do humor gráfico, em particular neste estudo, a partir da tira cômica.

Por meio das tiras “Ócios do Ofício”, a principal representação construída do trabalhador brasileiro no contexto da relação capital/trabalho no âmbito da sociedade capitalista é de um sujeito “sobrevivente”, esgotado, estressado e apassivado diante das múltiplas condições de exploração e de dominação a que está submetido. Os elementos visuais e verbais explorados por Gilmar Barbosa, por meio de múltiplos personagens genéricos e elementos cênicos enxutos, colaboraram na construção das situações cômicas e/ou ajudaram a compreender e problematizar as situações de conflito nas relações capital/trabalho como um fenômeno de natureza essencialmente social, perpassado pelas determinações do sistema sociometabólico do capital.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. *Dimensões da globalização: o capital e suas contradições*. Londrina, PR: Editora Práxis, 2001.

- ALVES, Giovanni. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes (org.). *O avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 4.ed. São Paulo: Boitempo, 2001.
- BARBOSA, Gilmar. *Cartuns & humor: ócios do ofício*. São Paulo: Editora Escala, 2002.
- BARBOSA, Gilmar. Gilmar entrega ócios do ofício. *Sindicato dos Metalúrgicos do ABC*, São Bernardo do Campo, SP, 3 ago. 2004. Disponível em: <HTTPS://smabc.org.br/gilmar-entrega-ocios-do-oficio/>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- GILMAR. Portal dos Jornalistas, São Paulo, 11 jun. 2017. Redação. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/gilmar/>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- MÉSZÁROS, István. Ir além do capital. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Globalização e socialismo*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 152.
- MÉSZÁROS, István. O desemprego crônico: o significado real da “explosão populacional”. In: MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Editora da UNICAMP: Boitempo, 2002.
- MIANI, Rozinaldo Antonio. *As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2005.
- MIANI, Rozinaldo Antonio. *Charge: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise*. São Paulo: Criativo Editora, 2023.
- PETRAS, James. Os fundamentos do neoliberalismo. In: RAMPINELLI, Waldir José; OURIQUES, Nildo Domingos (org.). *No fio da navalha: crítica das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 15-38.
- POCHMANN, Márcio. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Economia).
- RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- VINHAL, Maria de Lourdes. *O gênero tira e a argumentação: uma relação produtiva*. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2019.